

No 4  
 Extractos das Gazetas Inguezas - The Morning Chronicle  
 e "The Courier" desde 21 d' Abril até 15 de Maio 1818.

A Consulta que subio do Conselho de Castella á  
 presença de S. Mag.<sup>a</sup> Catholica, e na qual se ytribou  
 o Decreto d' Amnestia promulgado a 15 de Fev.<sup>o</sup> 1818.  
 a beneficio dos Expatriados conhecidos em Hespanha  
 pelo nome de Josefinos ou Afrancesados, contém 14 ou 15  
 paginas, das quas o Morning Chronicle tem alguns Extrac-  
 tos, que são os seg.<sup>tos</sup>

A historia das Nações offerece varios exemplos de have-  
 rem as desunções de Paizes dividido os seus habitantes  
 em partidos, em que estes hão tenazmente sustentado as  
 suas Opiniões e depois de batalhas sanguinolentas e re-  
 unidas, e de accoens guerreiras o partido vencedor perdoou  
 ao vencido, e mediante hum perdão geral todos hão fi-  
 cado reunidos n' hum Corpo tornando a viver em paz  
 huas com os outros. Mas Senhor o presente Caso não  
 tem exemplo na historia. Os partidistas dos Franceses  
 depois de haverem delinquido e de se terem coberto de  
 iniquidade persistem nos seus erros, e não dão signaes  
 alguns de arrependimento. Vossa Magestade tem disto  
 huma prova convincente nas suas representações e escri-  
 -tos; e nenhum d'elles se acha arrependimento ou confissão  
 dos seus crimes. Soberba, obstinação e insultos he o que  
 se vê em todas as suas obras. Todos requerem os seus  
 antigos lugares, as suas honras, bens e dignidades; e mesmo

alguns se abreviam a pedir recompensas pelos serviços que fizeram ao Inimigo. Poderia o seu abreviamento chegar a mais alto ponto.

O Conselho ainda poderia provar a V. Mag.<sup>e</sup> esta verdade pela conducta d'aquelles que depois da prescripção conseguiram <sup>o poder</sup> voltar para Hespanha pela benignidade de V. Mag.<sup>e</sup> - Nenhum d'elles se tem querido aproveitar desta licinca; elles tem preferido ficar no seu desterro, antes do que sujeitarem-se ás ordens de V. Mag.<sup>e</sup>

Senhor, em tempo como este em que as Nações com repugnancia suportão a Soberania, seria sumamente impolitico permittir que voltem para o nosso País pessoas que pelas suas maximas maxiavelticas, assim como pelos seus principios corromperão ainda mais a Opinião publica, e augmentarão o numero dos discontentes, renovando assim as horrorosas scenas de conspiracões que V. Mag.<sup>e</sup> infelizmente tem visto manifestarem-se em differentes pontos da nossa Monarchia.

Os afrancesados dizem que querem hum Rey; mas este Rey he hum que siga as maximas e principios de Buonaparte; não he a V. Mag.<sup>e</sup> que elles querem por seu Soberano. Os Liberales também querem hum Rey, mas este deve ser do seu modo, e não V. Mag.<sup>e</sup> Estes partidos espalhados pela Hespanha, poderão algum dia unirem-se para derrubar o Throno de V. Mag.<sup>e</sup>

O Conselho então conclue deste modo:  
Senhor, Animado o Conselho por estas razões, lamen-

ta profundamente de não poder inclinar a V. Mag.  
a hum perdão geral, e a hum inteiro esquecimento  
do passado; mas lembrando-se da falta de popula-  
ção que se sente, e a sahida do numerario, juntam-  
as lagrimas e padecer de mil pessoas innocentes  
dos crimes dos seus parentes, elle se vê induzido a  
dar o seguinte parecer, a saber: —

Nada se deve alterar no que se acha decretado a favor,  
nem agravar aquellas disposições que se adoptarão  
contra os partidistas do intruso, ou seja aquelles  
que aquelle ficarão, ou aquelles que o acompanharão  
para Franca: primeiro porque isto já está feito,  
e secundamente porque isto seria desmariadamente rigoro-  
so, e opposto ás vistas generosas de V. Mag.<sup>o</sup>. Em conse-  
quencia do que, a nenhum d'aquelles que se acha compre-  
hendido no Art. 1.<sup>o</sup> do Decreto de 30 de Maio 1814 deve  
ser permittido voltar para Hespanha, nem a aquelles  
que depois tem sido comprehendidos nellos em virtu-  
de das Ordens Regias a saber: os Membros dos Conse-  
lhos de Prefecturas, Intendentes, Conegos de Igrejas Metro-  
politanas e Cathedraes, Jornalistas e outros escriptores pu-  
blicos que pelos seus escriptos, exhortações e doutrinas  
tem procurado enfraquecer o espirito da Nação. Lem-  
brando porém que não he conveniente de os estigmatizar  
com excessos que os desesperem, será politico de fazer entrar  
nesta nova prohibição a clausula "por hora" que servir-  
rá de animar as suas esperanças.

Memorias de M.<sup>o</sup> de Maubreuil escriptas por elle mes-  
mo. Extrahidas do Morning Chronicle.

M.<sup>o</sup> de Maubreuil achado actualm.<sup>te</sup> em Londres, e está  
actualm.<sup>te</sup> occupado em escrever a historia de seu caso  
singular. M.<sup>o</sup> Goldsmith que leu o Manuscripto publi-  
cou hum pequeno extracto na sua folha. Elle se reduz  
ao seg.<sup>to</sup>

O nome da familia deste Cavallero he Maubreuil  
Marque d'Orvault huma das mais antigas familias  
da Bretanha. O seu Pai era cunhado do celebre La  
Roche Jaquelin. Quando os Alliados se acharão junto  
aos muros de Paris em 1814, M.<sup>o</sup> de Maubreuil, que en-  
tão estava em Paris, mostrou-se hum violento partidista  
da causa do Rey.

Poucos dias depois da primeira abdicacão de Bona-  
parte, Talleyrand que então era Presidente do Governo  
Provisional, mandou chamar M.<sup>o</sup> de Maubreuil, ás  
Oito horas da noite, e depois de huma pequena conver-  
sa abriu-se sobre o negocio na presenca de Laborie, dizendo  
que a Governo Provisional se confiava d'elle para  
executar huma Commissão da qual dependia o so-  
cego da Europa e a consolidacão do Throno dos Bour-  
bons, a qual era assassinar Bonaparte. Talleyrand  
perguntou-lhe se elle podia achar sem Amigos  
fieis que fossem afeicoados á causa dos Bourbons?  
Elle respondeu que isto seria huma cousa difficil-  
tosa. Ora pois replicou Talleyrand "procurae quan-  
tos poderes achar dignos da vossa confianca".

Quando elle sahio de Casa de Talleyrand, foi pro-

-curar hum Mr. Vantraux, Negociante, seu particular  
-amigo, que ajuntava em sua Casa hum Club de  
alguns Realistas: entre os Membros, se achavão os  
dois Condes de Polignac, Semalle, e alguns outros. Elle  
deu logo parte a Mr. Vantraux da conferencia, que  
tinha tido com Salleyrand e pediu-lhe, que procurasse  
algumas pessoas de valor e de resoluçãõ. Hum cer-  
-ta pessoa chamada Boisguy, que antes tinha sido  
-Chefe de Chouans, hum Montbadon, hum Mar-  
-quez de Brose, hum d'Asies, e outros offercerão-se  
para acompanharem a M.<sup>o</sup> de Maubreuil na sua  
-empreza, e forão accitos; não se deixou por em saber  
a estas pessoas qual era a natureza da Commissão  
de M.<sup>o</sup> de Maubreuil. Salleyrand pediu a M.<sup>o</sup> de  
Maubreuil que se partisse prompto. A 16 d' Abril  
recebeo elle instrucções verbaes de Salleyrand, na  
-presença de Laborie, para que fosse assassinar Bona-  
-parte, os seus Irmãos, o seu filho, e enfim toda aquella  
-familia; e para que elle pudesse executar o seu pro-  
-jecto se achavão á sua disposição todas as forças mi-  
-litares e Civis da França, assim como as forças militares  
-Prussianas e Russas em qualquer parte aonde estivessem,  
e também mudas de Cavallos de Porta.

Elle recebo para este fim ordens assignadas pelo  
-General Dupont, Ministro da Guerra em Paris - Bou-  
-vienne, Director Geral dos Correios, - Angles, Director Pro-  
-visional da Policia - O General Sacken, Commandante  
das tropas Russas, e que então era Governador de Paris

O General Brockenhausen, Chefe do Estado Maior Prussiano em Paris. Por cautella fe derao estas mesmas ordens a M.<sup>o</sup> d'Assis.

M.<sup>o</sup> Maubreuil, e o seu Socio M.<sup>o</sup> d'Assis, passaram para Nemours, do outro lado de Fontainebleau, com hum destacamento de Trinta e Cinco homens, visto que tinha ordem de assassinar o Imperador no Bosque, mas não querendo (segundo o que elle diz) deitar huma nodoa sobre a branca por hum vil assassinio, deixou elle passar o Imperador a salvo, assim como ao Joven Napoleão, que passou dois dias depois. Passando elle com o seu destacamento por humas estradas encruzilhada, encontrou por acaso a Rainha de Westphalia; elle então se recordou que o Barão de Vitrolles, (que era Secretario do Governo Provisorial, depois que chegou a Paris Monsieur,) e outros lhe tinham dito que se lembrasse d'elles na sua Commissão, e que lhes mandasse as Joyas e as Requiarias da familia de Bonaparte, para elles poderem resarcir as perdas que tinham soffrido. Portanto foi atacada a coragem da Rainha por M.<sup>o</sup> d'Assis, que lhe tirou Onze Caixas com Joyas e Ouro, as quaes foram remetidas para Paris e depositadas entre as mãos dos S.<sup>rs</sup> Wanteaur, Laborie, do Barão de Vitrolles, e de Semalle, havendo elles dito a M.<sup>o</sup> de Maubreuil que estavam autorizados por Monsieur para tomarem posse daquelles bens.

Quatro dias depois da chegada de M.<sup>o</sup> de Maubreuil a Paris, foi elle preso, e conservado em segredo até

poucos dias antes de Luis 18 partir para Gand, em  
que elle foi posto em liberdade. Quando Bonaparte  
chegou a Paris, foi Maubreuil preso em S. Germain  
(Bonaparte fez menção da Commissão de Maubreuil  
em huma proclamação, quando desembarcou em France,  
vindo da Ilha d'Elba.) e posto a fórça n'huma im-  
munda enxovia, aonde foi atormentado para o obriga-  
rem a declarar publicamente aquelles que se tinham  
valido d'elle para o assassinar (a Bonaparte). Elle  
nada quiz confessar, e conseguiu logo depois fugir e  
restituir-se a Gand. Ali tornou elle a ser preso por  
ordem de Blacas, e foi reclamado pelo Rey dos  
Paizes Baixos, em consequencia do que foi restituido  
a' sua liberdade, mas tornou a ser preso em Lou-  
vania (Louvain) e entregue aos Prussianos; elle tornou  
a fugir, e passou para France depois da batalha de  
Waterloo, aonde ficou sem ser molestado durante  
Onze Mezes. Então tornou a ser preso por causa  
do negocio relativo a' Rainha de Westphalia, e  
naõ menos de vinte e tres decisões dos Tribunaes de  
Justiça declararão que elles não erão competentes pa-  
ra decidirem desta causa. Havera' seis Mezes (conten-  
do da meza de Marco para tras) que elle foi por fim  
remettido para Douay; elle fugio da prisão d'aquel-  
la Cidade em Janeiro passado, depois de ter estado  
preso quatro annos, em differentes Cadeias.

Emquanto o Governo Francez negociava com as Poten-

-cias Alliadas para reduzir o pagamento do que tinha practiado, decretou aquelle Governo que a sua forza militar em tempo de Paz devia ser de 240,000 homens. Como a Franca se disculpava de sua falta de meios para satisfazer o que ella devia aos Alliados, estes a arguirão, segundo o que parece, com o excessivo peso de semelhante estabelecimento militar em tempo de paz. A Franca parece que se disculpou com a sua posição que carecia de muitas tropas para guardar as suas fronteiras do Norte e de Leste cujos vizinhos continuão a sustentar numerosos exercitos permanentes.

O Courier porém diz que isto argumentar n'hum circulo vicioso. Estes Estados vizinhos podem alegar da sua parte também o augmento do Exercito Franca para augmentar o seu, e isto pode depois servir de pretexto à Franca para hum novo accrescentamento, e assim para diante até que todo o Continente se tornasse hum vasto acampamento.

O Courier mostra a falacia deste argumento, e diz « Que tem a Franca que recear dos seus Vizinhos mais proximos — dos Paizes Baixos, dos Estados d'Allemanha, ou da Italia? Certamente nada. Ella achase debaixo da protecção das grandes Potencias Alliadas, e nenhuma das Potencias menores da Europa se atreve a dar hum passo que possa de modo algum comprometter as suas relações pacificas. Ella sabe que se não podem aventurar contra ella projectos alguns

de engrandecimento ou de agressão, sem que se ponha da parte della todas as outras Potencias Continentaes. Não pode pois ser por verdadeiro recuo que ella obra em crear a sua actual força militar. E quanto à idea de se pôr em attitude de resistir a qualquer attaque combinado (supondo que fosse provavel hum semelhante intento, como não he) de que lhe servirão os seus 240,000 homens, contra a Europa confederada? A sua historia durante os ultimos quatro annos, he a melhor resposta que se pode dar a esta pergunta. Não pode haver pois mais do que huma outra causa para o proposto augmento da sua força militar. Esta será em consideração da evacuação da Franca pelo Exercito de Occupação, quando esta força fosse necessaria para segurar o Socego interior da Franca. Mas se os Ministros de Luis 18 alegarem huma semelhante razão ficaria suspensa toda a negociação relativa à evacuação das tropas Estrangeiras. Seria evidente que o fim para o qual originariamente ellas foram postadas em Franca não se tinha realisado ainda, e o prazo condicional da sua retirada seria desatendido pela urgente necessidade de, permanecermos todo o tempo contemplado pelo Tratado de Lo de Nov. 1815. Se os descontentes em Franca, se os Bonapartistas ainda fossem bastante formidaveis para tornar necessaria huma força domestica de

240,000 homens para os conter, sem duvidas as tropas  
que ali se achão erão muito melhores para este  
servico do que as daquelle Nação, as quaes prova-  
velmente serião comportas em não pequena por-  
ção daquelles individuos cujos intentos são tão peri-  
gros, e de cuja fidelidade tão pouco se poderia  
confiar.

O Courier conclue dizendo, que estes são os unicos  
pontos de vista debaixo dos quaes a questão do novo  
recrutamento em Franca he parecia susceptivel de  
argumento, e confessa que todos elles he parecem des-  
tituidos de principios solidos.

A fala do Ministro da Guerra em Paris sobre  
este assumpto desvanee estas idéas do Courier.

A Franca carece de hum Exército proporcionado  
à sua intencão, como Potencia independente, e  
armoldado às forças dos seus Vizinhos. A Franca  
carece de não desamparar de hum golpe todo  
o seu Estado Militar, esta rapida transição  
seria por extremo perigosa. A nova Ley buscou  
hum meio prudente de satisfazer a todas as  
considerações de politica e economia.